



DEUSA VIVA

*Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Lua Cheia – Outubro de 2018 – nº 233*



“Tu, que perambulas por muitos lugares e és reverenciada com diferentes rituais, Tu, cuja luz suave clareia o caminho dos viajantes e nutre as sementes escondidas sob a terra, Tu, que controlas o caminho do Sol e até mesmo a intensidade dos raios, eu Te imploro, chamando todos os Teus nomes e todos os Teus aspectos, e Te invoco com todas as cerimônias que Te foram dedicadas, vem a mim e me traz repouso e paz.”

A Senhora da Roda de Prata

por Mirella Faur

Para a nossa mentalidade atual e baseada em valores solares, pode parecer estranha a afirmação do escritor romano Apuleio (século I) sobre o controle oferecido pela Lua na trajetória e intensidade dos raios de Sol.

No entanto, se voltarmos para o início da história da humanidade, podemos constatar a maior relevância simbólica e mitológica da Lua, bem como a antiguidade dos cultos lunares em relação aos valores e cultos solares. Na Caldeia, os astrólogos ignoravam o Sol e fundamentavam seus sistemas nos movimentos da Lua. Até hoje, na astrologia védica, o peso da interpretação recai sobre o signo lunar natal, os meses são denominados “Mansões Lunares” e caracterizados pela posição da lua cheia na respectiva mansão.

Os cultos lunares se originaram no Paleolítico e os primeiros calendários conhecidos foram os lunares, baseados no ciclo menstrual da mulher. O mais antigo calendário astrológico conhecido foi criado pelos babilônios e chamava-se “As casas da Lua”, estabelecido a partir do ciclo da luação, com seus períodos mensais representados pelos signos zodiacais. A principal Deusa Lunar da Babilônia era Ishtar, cujo cinturão era enfeitado com representações e símbolos do zodíaco.

Inúmeros artefatos neolíticos talhados em pedra, chifre e osso, encontrados em grutas espalhadas por vários países na Europa e Ásia, têm inscrições agrupadas e séries alternadas de 28 a 30 traços, demonstrando o antigo conhecimento astronômico dos ciclos lunares. Atualmente, está sendo cada vez mais divulgado e utilizado o calendário lunar do povo maia, com base no ciclo das treze luações que formam um ciclo solar.

Desde os mais remotos tempos a Lua foi reverenciada como a manifestação da Grande Mãe Universal, o aspecto feminino da Divindade, a fonte criadora e mantenedora da vida, cuja luz e bênção eram invocadas nos rituais de fertilidade, no plantio das sementes e no parto das crianças. As suas fases passaram a simbolizar o próprio ciclo da geração, nascimento, crescimento, mas também o amadurecimento, decadência e morte. As suas faces - clara e escura - foram consideradas como aspectos doadores da vida e destruidores da natureza, a Mãe sendo tanto Criadora como Ceifadora.

A Lua foi venerada com inúmeros nomes nas várias tradições e culturas antigas. Apesar desta diversidade, existe uma similitude em relação aos seus atributos de acordo com as suas fases. A Lua crescente representa a vitalidade da deusa jovem, o frescor da Donzela, o potencial do crescimento, o início das realizações. Tornando-se cheia, a Lua personifica o ventre grávido da Mãe, o florescimento, a abundância da natureza, a concretização das possibilidades. Ao minguar, a Lua assume o aspecto de Anciã, assinalando o fim da colheita, o declínio das energias, a sábia preparação para conhecer os mistérios da morte e do renascimento.

Difícilmente se encontra nas várias mitologias uma Deusa que sintetize a inteira gama do simbolismo lunar. Nos panteões grego e celta existem inúmeras Deusas Lunares com características específicas, relacionadas aos atributos das fases e representando os arquétipos da Donzela, da Mãe e da Anciã. Os povos celtas contavam o tempo pelas noites e seu calendário era lunar e não solar, como o dos gregos e romanos. Os seus astrólogos observavam a posição da Lua e sua progressão em relação às estrelas.

Uma deusa lunar celta pouquíssimo conhecida e com um complexo simbolismo é a galesa Arianrhod, uma mulher linda e com pele muito alva, descrita como a “Senhora da Roda de Prata” por cuidar da roda estelar, cujo giro simbolizava o passar do tempo e a tecelagem do destino. Esta roda luminosa era a constelação estelar em forma de coroa

chamada Corona Borealis (considerada pelos gregos como sendo a coroa da deusa Ariadne), cujo nome em galês era Caer Arianrhod, ou seja, “O castelo giratório de Arianrhod”. Era chamada também de “Roda com remos”, por representar o barco que levava os mortos para a Terra da Lua, nomeada Emania ou Magonia. Vivendo na longínqua terra encantada de Caer Sidi, cercada de sacerdotisas, Arianrhod era um arquétipo da antiga Deusa Mãe celta, regente do céu, das estrelas, da Lua, da fertilidade e do poder feminino, sendo a padroeira dos partos, do mar, da magia e da justiça. Ela personificava vários outros atributos por ser regente do tempo e do destino, Senhora da beleza, da Lua cheia e da reencarnação. Era cultuada no País de Gales como uma Deusa Tríplice (ela como Mãe, Blodeuwedd como virgem e Cerridwen como Anciã).

Arianrhod regia Caer Sidi, a “Torre do outro mundo”, o reino encantado onde ficava seu palácio Caer Arianrhod, onde os celtas acreditavam que as almas se recolhiam entre as suas encarnações e os poetas aprendiam sua arte. Depois de recolher os espíritos e levá-los na sua “Roda com remos” para Emania, Arianrhod seguia ao longo da “Roda das encarnações” e os conduzia para a sua próxima parada, iniciando-os no novo ciclo de vida em Caer Sidi.

Nos mitos lunares contava-se que Arianrhod se metamorfoseava numa grande coruja e com seus olhos penetrantes perscrutava a escuridão – da noite, do subconsciente humano e da alma. Ela se locomovia facilmente na noite e levava nas suas asas conforto, cura e aceitação para os doentes e moribundos. Arianrhod regia as iniciações, os ritos de passagem femininos (menarca, ciclos menstruais, parto, menopausa, morte, renascimento), a magia, a sabedoria oculta e a renovação, sua luz sendo refletida por inúmeras camadas de tempo, modelagem do destino e experiências. Seus símbolos eram o caldeirão (representando o poder feminino e atributo de outras deusas também) e a porca branca, indicando assim sua conexão com o mundo subterrâneo e o renascimento.

Arianrhod – semelhante à grega Ártemis – era independente, possuía uma grande força espiritual e por não precisar de nenhuma figura masculina, era considerada a “Deusa branca e virgem”. O conceito de “virgem” para os povos antigos indicava autossuficiência e independência, sem nenhuma relação com a integridade do hímen. Arianrhod vivia de maneira livre e selvagem, cercada apenas por mulheres e ocasionalmente tendo relações sexuais - nas noites de lua cheia - com os marinheiros que aportavam nas praias do seu longínquo e ermo habitat. De lá, Arianrhod descia na sua carruagem prateada até mergulhar nas ondas do mar e era reverenciada na noite de 11 de dezembro.

O mito de Arianrhod - registrado na coletânea de textos galeses Mabinogion (escritos entre os séculos XI e XIII) - é muito complexo, com elementos contraditórios e de difícil compreensão, denotando as deturpações



feitas pelos monges e historiadores cristãos da interpretação das lendas da tradição oral dos bardos. As antigas verdades ficaram ocultas entre as linhas e prevaleceram os conceitos misóginos e patriarcais cristãos, que condenavam e perseguiram atitudes e valores especificamente femininos, considerando a liberdade sexual da mulher como um pecado e perigo para a pureza da alma cristã, que devia ser combatido e punido. Para impedir a continuação da antiga liberdade sexual pagã, os ritos sagrados das Tradições da Deusa foram declarados obscenos, licenciosos e demoníacos, devendo ser abolidos quaisquer referências a eles. Vários mitos de deusas descritos em Mabinogion (como o de Blodeuwedd, Branwen, Rhiannon) passaram pelos mesmos “retoques” e adaptações, que fizeram dos seus mitos histórias inverossímeis e confusas. O maior objetivo dos historiadores cristãos (na sua maioria monges) era ocultar os valores e verdades das culturas matriarcais e promover as regras, conceitos e imposições da ordem patriarcal.

Existe uma passagem inverossímil no mito de Arianrhod, que descreve de forma metafórica e pitoresca uma mescla de atributos dela como Donzela e Mãe Escura. Arianrhod era a filha mais poderosa da deusa galesa da terra Don e do deus da luz celeste Beli (que é pouco mencionado), irmã do herói e futuro mago Gwydion e sobrinha do rei mago Math. Este rei, para preservar sua magia e seu poder de soberano, tinha que repousar permanentemente seus pés no colo de uma virgem, uma medida mágica necessária para a sua sobrevivência e seu fortalecimento antes das batalhas. Gwydion, que era seu amigo

e parceiro nas magias, intimou e enviou sua irmã Arianrhod ao rei Math para ser sua acompanhante, apesar da sua condição real e do seu poder pessoal, que foram ignorados. Assim como suas antecessoras, ela tinha que cumprir o seu dever de footholder e segurar os pés do rei no seu colo enquanto ele descansava. A condição essencial desse encargo era a virgindade da candidata; ao ser questionada acerca disso, Arianrhod confirmou que era virgem (mas no antigo sentido do termo, que indicava sua liberdade e poder pessoal). Ao ser testada pelo bastão mágico de Math (sobre qual ela tinha que passar, uma clara alusão ao poder fálico do rei), Arianrhod, de repente deu à luz a um menino louro e bem formado – Dylan – que se arrastou para o mar, onde se transformou depois em um deus marinho e nunca mais foi visto. Enfurecida pela armadilha que a expôs perante a corte real, Arianrhod correu e na fuga deixou cair um pequeno objeto, que, antes que alguém visse o que era, Gwydion o pegou e enrolou em panos. Posteriormente, ele deu o “objeto” para Arianrhod, que descobriu ser outro menino ainda em estado embrionário e o rejeitou. Comovido com o infortúnio da criança, Gwydion decidiu cuidar do menino, o adotou e lhe deu a devida educação, ensinando-o a arte da magia. Outra suposição considera Gwydion o pai dele, como consequência de uma relação incestuosa com a irmã.

Ao ter revelada a sua gravidez e por se sentir ultrajada por ter parido na frente de todos enquanto considerada virgem, Arianrhod desapareceu na noite, mas antes amaldiçoou o filho para que “ele não tivesse jamais um nome, não pudesse usar armas e nem casar com uma mulher da raça existente na Terra, a não ser que ela concedesse tudo isso a ele”. Na cultura matriarcal celta, era a mãe que dava o nome e abençoava seu filho nestes ritos de passagem.

Quando o menino cresceu, Gwydion usou recursos mágicos e transformou a ambos em sapateiros; eles viajaram para o palácio de Arianrhod que tinha encomendado sapatos (outro detalhe pouco plausível para uma deusa lunar). Observando o menino caçando pássaros com estilingue, Arianrhod o elogiou pela destreza. Neste momento Gwydion revelou sua identidade e afirmou que Arianrhod tinha acabado de dar um nome ao seu filho, ou seja – Llew Llaw Gyffes “A brilhante e habilidosa mão”. O nome Llew Llaw Gyffes era o mesmo de um herói celta – Lugh, personificação de um antigo deus solar. Arianrhod ficou furiosa com a trapaça e jurou que o garoto jamais portaria armas ou tivesse uma mulher.

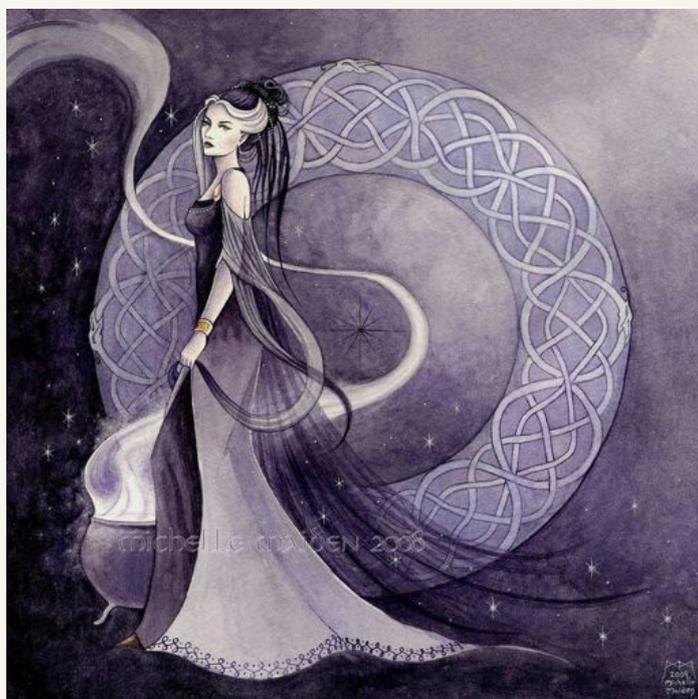
Com o passar do tempo Llew é treinado nas artes marciais e na arte poética dos bardos e se revela um aprendiz competente. Algum tempo depois, tio e sobrinho – disfarçados como viajantes – procuram abrigo no castelo da irmã e se oferecem para entreter a corte. No dia seguinte, Gwydion cria uma ilusão mágica de uma invasão inimiga e convence a irmã para intimidar todos os homens a se armarem e lutarem. Ela concordou e quando começou a distribuir armas para seus súditos Gwydion sugeriu que ela desse armas também para o jovem desconhecido, que era forte e corajoso e podia lutar para defender o castelo. Novamente Arianrhod foi ludibriada e ao descobrir que não havia invasão inimiga nenhuma, já tinha quebrado a sua segunda proibição armando seu próprio filho. Para remover a última maldição, Gwydion pediu ajuda ao rei Math e juntos e por meios mágicos, criaram uma mulher feita de flores – Blodeuwedd – que foi destinada como esposa para Llew. Sendo vencida pela terceira vez, Arianrhod acabou concordando com o casamento do seu filho, que assim se libertou da maldição materna.

Arianrhod aparece neste mito como um arquétipo feminino pouco ético, que comete erros, renega e abandona seus filhos e até mesmo amaldiçoa o menos afortunado, sem jamais se desculpar pelo seu comportamento, agindo de acordo com seu verdadeiro ser e seu poder de soberana. Quando deu à luz, Arianrhod não assume sua maternidade, nem proclama seu direito de fazer escolhas e lidar com as consequências como uma soberana, mas se mostra enfraquecida, envergonhada e humilhada, renega seus filhos e foge para o seu castelo. Por não querer abrir mão da sua liberdade em benefício dos filhos, sua atitude pouco materna nos parece inadmissível e abominável.

Don, sua mãe, tinha escolhido seus parceiros e pais dos seus três filhos de acordo com a lei antiga, quando a rainha escolhia e demitia seus consortes, sem criar vínculos de casamento. Arianrhod pode ter seguido o exemplo materno, permitido pela lei matriarcal, que era de acordo com a sua maneira “virgem” de viver, morando só no seu castelo e fazendo amor com marinheiros nas praias, nas noites de lua cheia (a metáfora da Lua mergulhando no mar). Uma explicação da atitude do seu irmão ao recomendá-la ao rei como sendo virgem, seria que Gwydion queria declarar a sua paternidade perante todos (o incesto entre herdeiros reais era permitido para garantir a sucessão). Outra hipótese era que a gravidez e o parto repentino de Arianrhod não eram fatos reais, mas miragens criadas pela magia conjunta do irmão e do tio. O objetivo era expor Arianrhod como uma mulher pouco confiável na linhagem do trono e fazê-la ir embora, deixando a sucessão para Gwydion. Por ela ser a primogênita e reconhecidamente poderosa, Arianrhod era uma ameaça para o poder masculino e por isso devia

ser ridicularizada e banida, reforçando assim a hierarquia real e divina masculina.

No conceito da cultura matriarcal, a virgindade não era ligada à integridade física, mas ao estado de espírito e ao comportamento, virgem sendo a mulher que era livre e completa em si, sem depender de um homem. O mito não conta sobre a vida posterior de Arianrhod, nem sobre seus eventuais remorsos e arrependimentos. Seu irmão e filho desaparecem da história e ela passa a viver só no seu castelo, fiel a si mesma, fazendo suas escolhas e vivendo a verdade da sua própria luz lunar mutante. Alguns estudiosos interpretam este mito como a representação da mudança do direito materno para o paterno, enquanto outros relegam o mito de Arianrhod à história de uma simples heroína celta, sem atributos divinos.



Olhando sob as retificações e distorções cristãs, podemos perceber e resgatar as antigas verdades das sociedades centradas no culto das Deusas e descartar a sua usurpação e difamação pela nova ordem dos conquistadores patriarcais. A figura luminosa de Arianrhod resistiu à deturpação milenar e às distorções do seu simbolismo. Nas noites de lua cheia, ela pode ser vista sentada no seu trono cósmico, coroada pela magnificência da Corona Borealis, continuando a girar a sua roda prateada e tecer com seus fios o futuro da humanidade.

Comprova-se assim – por metáforas e intrincados simbolismos celtas – a antiguidade das divindades e cultos lunares, a Lua representando as tradições matrifocais das Deusas, que foram substituídos pelos mitos e cultos solares posteriores.

Presságios Astrológicos

De 23 de outubro até o final de novembro

Inversão, Aprofundamento e Importâncias

por Léa Beatriz

No dia 23 de outubro o Sol (que fala sobre a nossa essência e brilho), que antes estava em Libra (signo do olhar atento ao outro, da harmonia, da diplomacia) entra em Escorpião (signo relacionado a águas profundas, ao subconsciente, ao mistério, às emoções mais íntimas, à morte e às perdas). A força desse astro se junta à força de três outros planetas que já estavam nesse signo: Vênus, Júpiter e Mercúrio, sendo que Vênus (planeta que rege os relacionamentos e os valores) faz conjunção com o Sol e oposição a Urano (planeta do movimento e do inesperado) que está no início de Touro (signo da segurança material).

Minha leitura dessa configuração é que este é um momento em que precisamos buscar a profundidade, principalmente, em nossos relacionamentos; pois é a segurança e o equilíbrio nas relações que nos trarão força para nos abriremos para o movimento. E aqui peço uma atenção muito especial, pois acredito que o calor das eleições ainda esteja intenso para todos, e que muitos já tenham perdido algumas amizades nesse caminho. Então, peço que tentem pensar de forma invertida. Existe uma pressão para pensarmos do externo para o interno, não desvalorizando a importância desse pensamento, mas buscando um aprofundamento maior nas relações humanas, pense do interno para o externo, do pessoal para o social: Qual a importância dos relacionamentos pessoais (que se iniciam com o contato com a mãe, pai e irmão, depois a família, depois os amigos mais próximos) na nossa vida? Geralmente são essas relações que alimentam e enriquecem o viver íntimo, qual valor essas relações trazem pra você? Quais facilidades? Que tipo de acolhimento ou fortalecimento? Qual forma de apoio? Quando precisamos muito, quem está ao nosso lado? Geralmente, são as pessoas que estão próximas que ajudam, que nos defendem, que nos dão colo, que se indignam junto e muitas vezes essas pessoas podem possuir vivências diferentes, crença diferente, raciocínio diferente; mas confiamos que elas estarão ao nosso lado, mesmo que tudo dê errado, e isso tem um valor e merece ser reconhecido como importante. Partindo desse olhar, você e sua rede de sustentação estão prontos para lidar com o imprevisível ou com um movimento que desestabiliza?

Então, o momento é de sentir a força dos relacionamentos não superficiais para que eles tragam o equilíbrio necessário para lidar com novas oportunidades.

Dia 24 ocorre a Lua Cheia, com a Lua no signo de Touro e o Sol em Escorpião, e pode ser que este seja um momento de muita irritabilidade, principalmente nas questões que envolvem os valores pessoais (assunto regido por Touro). Para amenizar essa energia é importante obedecer às regras de convivência, respeitar os limites de cada um e mostrar quais são os seus limites (recado de Saturno em Sagitário). Trate os seus limites com respeito.

Urano está em movimento retrógrado desde agosto e, no dia 7, dia da Lua Nova em Escorpião, ele retorna ao signo de Áries para uma despedida (ficará em Áries até o mês de março de 2019). Áries é o signo do impulso, da coragem e da rapidez, então, pode ser que exista uma tendência a ter uma rotina um pouco mais intensa, mais picada, mais corrida, que exige uma resposta rápida para tudo. O cuidado nesse momento é pra não perder a conexão com sua essência e com o que é valioso pra você.

No dia seguinte à noite, a Lua já passa para o signo de Sagitário, junto com Júpiter, e a energia tão presente de Escorpião até esse momento começa a se dissolver. Já é possível imaginar novos horizontes, ter motivação para voltar a trabalhar por um mundo melhor, pensar em novos objetivos e novos sonhos. Aproveite esse período para reorganizar suas metas, pensar onde deseja chegar, abrir a escuta para perceber o que preenche sua alma com vida. Também é um bom momento para tomar decisões, realizar reuniões e traçar estratégias, porque no dia 17 de novembro Mercúrio entra em movimento retrógrado exigindo que os cuidados com as trocas de informações, documentações, contratos, conversas e tantos outros assuntos relacionados a Mercúrio sejam redobrados. A parte boa é que, neste dia, Vênus já voltou ao seu movimento direto deixando os assuntos relacionados a dinheiro e relacionamentos mais leves.

Portanto, teremos esse período mais intenso até a metade do mês de novembro e depois me parece que as emoções, ações e motivações vão reencontrando suas formas e lugares. No entanto, durante todo o mês de novembro Vênus estará em oposição a Urano, trazendo movimento, novidades e surpresas para nossos relacionamentos. Cuide do que é importante pra você! Esse mesmo aspecto pode trazer, também, alguma instabilidade financeira, fique atenta ao risco.

Próximos Rituais

31/10 (quarta-feira)

Celebração de Samhain: Noite de Reverência às Ancestrais

23/11 (sexta-feira)

Plenilúnio: Celebração da Deusa japonesa Kono-hana

21/12 (sexta-feira)

Celebração do Solstício: O Fogo Sagrado da Família Aberto, também, aos homens

Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Baixe a versão colorida do jornal:

<http://www.teiadethea.org/?q=node/16>

Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente

Edição: Cynthia Sims
Revisão: Andrea Boni
Textos: Mirella Faur e Léa Beatriz
Imagens: Internet
Informações: www.teiadethea.org
(61) 98233-7949
teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org